

Gotejar

MARIA FERNANDA
BORGES DE CARVALHO

intransitiva
• revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

Gotejar

Maria Fernanda Borges de Carvalho

Chegar em casa é sempre um estresse para Marina.

Depois de bater a porta, a mulher põe a bolsa surrada na mesa. Ela tira os sapatos com solas pra lá de desgastadas e corre pra pegar outro balde — tem que substituir o que está quase transbordando da água que cai do teto da minúscula cozinha. A goteira virou sua companheira tem alguns meses e já passou da hora de dar um jeito nisso, porém a mulher nunca acha tempo — ou dinheiro. Também tem que fazer o jantar às pressas, porque já chega tarde em casa. Não tem tempo nem de sentar. Coloca o balde e o *ping, ping, ping* recomeça no fundo dele. Quando joga a água fora, ouve:

— Quem é?

— Cheguei, mãe. — Sua voz sai pesada sem querer. Assim que entra no quarto, Marina contempla a mãe. Vai fazer uma década desde que ela adoeceu precocemente. A princípio era suspeita de exaustão por excesso de trabalho; ela tinha dois empregos e se desdobrava para pagar as contas e ajudar o filho adulto que ainda dependia dela — um encosto, na humilde opinião de Marina. Começou a esquecer onde havia deixado as chaves. Depois, se já tinha pagado a conta de luz, qual era o nome da vizinha de anos.... Quando veio o diagnóstico, Marina não soube o que pensar, muito menos o que fazer.

— Como você tá? A Silvinha te deu o jantar antes de sair? — pergunta enquanto senta na cama próximo a ela.

— Hoje foi calmo. — Ela olha para a filha, mas Marina não tem certeza se a vê. — Mas, querida, você tem notícias do seu pai? Era pra ele já ter ligado, ele disse que ia avisar assim que fosse liberado do serviço...

Não, ele não vai ligar. Mas a filha não dirá isso à mãe. Seu pai falecera num acidente de trabalho tinha anos, um pouco antes da mulher adoecer.

Os olhos da mais velha expressam genuína preocupação e a mulher não consegue evitar sentir os olhos quentes. Ela pergunta dele quase todo dia. Não importa quantas vezes aconteça, ver sua mãe confusa e inválida é sempre terrivelmente deprimente.

— Não, mãe, mas já tá tarde. Vamos dormir e amanhã vemos isso, ok? Tá tudo bem.

Debater com ela é perda de tempo e mais faz mal do que bem, de qualquer forma.

A mãe estica os braços e acaricia o rosto da filha com as duas mãos.

— Fico tão feliz que você deslanchou na vida, meu amor.

— Obrigada. É tudo graças à senhora. — Pega as mãos da mãe e as beija.

Marina se levanta. Precisa tomar um banho urgente. O transporte público estava lhe sufocando até há poucos minutos. *Ping... Ping... Ping...* Antes, volta até a sala conjugada e abre a geladeira. Ótimo. Silvinha não deu o jantar para sua mãe. Tudo bem, ela resolve quando sair do banho.

Não lembra a última vez que tomou banho de água quente. Mas, sinceramente, nem sente tanta falta assim. Depois do choque inicial, basta alguns segundos e sua pele áspera se acostuma à chuva congelante. Já se sente sortuda de ter chuveiro em casa — esse é um privilégio para poucos dali.

Pega o sabonete em barra e esfrega em seus braços moídos de segurar nas barras dos ônibus e metrô. Passa a mão ensaboada nas costas, de mal jeito. Aquelas costas doídas de tanto tempo sentada no caixa do supermercado. Ri de si mesma. Aquilo, para a mãe, era “deslanchar na vida”. Não que possa reclamar. É melhor do que ser um viciado que depende da mamãe, como seu irmão.



A mulher acarinha-se embaixo daquela água inebriante, numa tentativa de acalmar seu coração aflito. As contas estão chegando e os remédios da mãe são caros. Recebe um dinheiro do Governo, mas não chega. Enquanto deixa o cabelo crespo encharcar, permite-se ouvir a água que cai sem rodeios ao seu redor, de olhos fechados. Diferente do barulho ritmado a esmo das goteiras — uma tensão acumulada aos poucos que não mata, mas também não deixa viver —, o som da ducha é como música: um enorme cascatear que leva toda a sujeira e lava todo o cansaço. Um pequeno alento em meio ao caos que são seus dias.

De repente, ouve um vidro quebrando. Assusta-se e fica imóvel, os ouvidos atentos, a mão no peito. Nada ouve além da água. Fecha o registro. Grita se a mãe está bem, porém não tem resposta. Imagina que deve ter sido no vizinho. Abre o registro outra vez e termina de se lavar.

Assim que sai do chuveiro, ouve um murmurar estranho vindo do outro lado da porta. Voz de homem. Num choque, se dá conta de que a porta de sua casa é de vidro. Angustiada, se seca rapidamente e enrola o corpo na toalha. Sai do banheiro.

— QUE MERDA É ESSA, LEANDRO?

O irmão mais velho está desconectando os cabos da televisão de tubo da sala conjugada. A porta de vidro está quebrada e escancarada. A mulher olha para a mãe, que parece com medo, mas não fala nada.

— Larga essa televisão e sai da minha casa agora! — Marina segura forte a toalha com uma mão enquanto aponta para a porta com a outra. Então repara na bagunça na sua casa: gavetas, armários e até a geladeira estava aberta. Percebe que a quentinha da sua mãe foi comida; a embalagem de alumínio vazia em cima da pia denunciou o crime. Uma das únicas coisas que está em seu lugar é o balde. O bendito balde.

— Depois eu te devolvo, tá legal? — o homem diz, ainda com a boca suja de farofa. Está visivelmente alterado, mas Marina não sabe qual a droga da vez.

— Devolve merda nenhuma! — Corre para o quarto, abre a cômoda e põe um vestidinho qualquer. — Até a comida da mãe você pega?!

O homem segue tentando desconectar o emaranhado de fios. Marina pega o telefone e liga para o 190. Quando atendem, ela começa a denúncia. Leandro se assusta e corre dali sem dizer nada. Avisa à mulher na linha, que recomenda que ela troque a fechadura e invista em portões de ferro com cadeado. Desliga.

A casa está um caos e a mãe havia começado a chorar. A mulher vai até ela e a consola, dizendo que já passou e que está tudo bem.

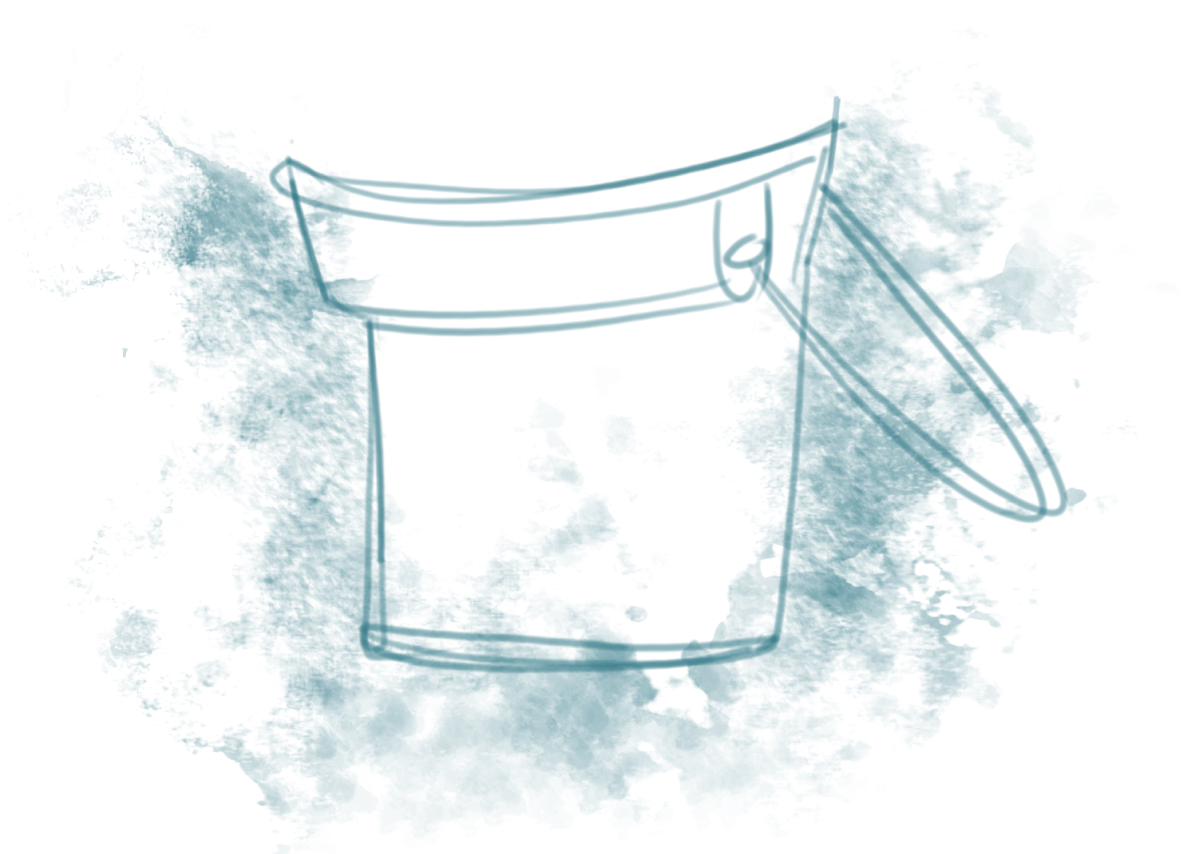
— Quem era?

— Leandro. Queria levar a tevê.

— Quem?

— Ninguém importante, mãe. Vou fazer o jantar, tá bem?

Pega umas batatas e começa a descascar. Só o que ela queria era uma noite de paz depois de um dia cheio. Mas acha que isso é pedir demais, pelo visto. Para piorar a situação, recomeça a chover e a goteira aumenta a intensidade do seu pingar. Simplesmente maravilhoso. Descasca cenouras, lava o peito de frango, prepara o arroz. Coloca para cozinhar. *Ping... Ping... Ping...*



— Ai! Que merda! — dispara ao se queimar.

Abaixa o fogo. Decide que vai fumar um cigarro. Está parando de fumar, é verdade, mas, depois de hoje, ela merece. Não pode fumar dentro de casa, então vai em direção à porta... Ah. Está chovendo. E muito. A porta quebrada permite que o vento traga água para dentro da casa; Marina corre para pegar um pano de chão. Acende o cigarro e fica olhando o mundo cair. O pingar continua, frenético, e Marina sente vontade de chutar o balde, mas se segura. Não vai causar mais estresse para a mãe. Dá um trago. Alívio.

— Que se foda tudo.

Sobre a autora

Maria Fernanda é aluna de graduação de Letras Português – Literaturas na UFRJ. Ela sempre gostou de escrever, mas não sabia até pouco tempo o que fazer com isso. Decidiu que botar pra fora é sempre a melhor opção. Eis aqui uma tentativa.